

# A IMPORTÂNCIA DA RESIDÊNCIA ARTÍSTICA PARA AS ARTES VISUAIS: A VIAGEM DE CHRISTUS NÓBREGA PARA A CHINA

THE IMPORTANCE OF ARTISTIC RESIDENCE FOR VISUAL ARTS:  
CHRISTUS NÓBREGA'S TRIP TO CHINA

**Miriam Giberti Pattaro**

Doutora em Letras; FIB (Faculdades Integradas de Bauru), Bauru, SP, Brasil  
E-mail: miriamgiberti@gmail.com

**Resumo:** Este trabalho, de caráter bibliográfico, tem como objetivo refletir sobre a prática da residência artística para as artes visuais e apresentar essa experiência do artista brasileiro Christus Nóbrega na China, em 2015. O trabalho relata como, através de uma bolsa cedida pelo governo brasileiro, via Ministério das Relações Exteriores, ele desenvolveu trabalhos que remetem tanto à cultura brasileira, nordestina sobretudo, e à cultura chinesa. Após seis meses imersos nessa sociedade oriental, Christus Nóbrega retornou ao Brasil e promoveu uma exposição itinerante que deixa evidente esse diálogo. O resultado dessa experiência são as obras, aqui descritas e comentadas, sendo que ao final algumas são analisadas, com o intuito de deixar evidente a riqueza e importância de uma iniciativa como essa para o âmbito artístico. Além da Introdução e Conclusão, o trabalho apresenta em seu desenvolvimento três itens: o primeiro refere-se à residência artística, em que se apresenta e discute-se a importância dessa atividade para a carreira de um artista e para as artes em geral; o item seguinte trata da residência artística de Christus Nóbrega na China; e o terceiro item apresenta a análise de algumas obras produzidas por ele a partir dessa vivência em terra estrangeira. Pretende-se assim deixar evidente que a residência artística de Christus Nóbrega não foi importante apenas para o artista, mas para toda sociedade, que através dessa experiência individual tem a oportunidade de conhecer outras culturas e refletir sobre questões diversificadas.

**Palavras-chave:** residência artística, Christus Nóbrega, China, artes visuais, diversidade cultural.

**Abstract:** This bibliographic work aims to reflect on the practice of artistic residency for the visual arts and present this experience of the Brazilian artist Christus Nóbrega in China, in 2015. The work reports how, through a scholarship granted by the Brazilian government, via Ministry of Foreign Affairs, he developed works that refer both to Brazilian culture, especially the Northeast, and to Chinese culture. After six months immersed in this eastern society, Christus Nóbrega returned to Brazil and promoted a traveling exhibition that makes this dialogue evident. The result of this experience is the works described and commented here, and some are analyzed at the end, in order to make clear the richness and importance of such an initiative for the artistic field. In addition to the Introduction and

Conclusion, the work presents in its development three items: the first refers to the artistic residency, which presents and discusses the importance of this activity for an artist's career and for the arts in general; The following item deals with Christus Nóbrega's artistic residency in China; and the third item presents the analysis of some works produced by him from this experience in foreign land. It is intended to make it clear that Christus Nóbrega's artistic residency was not only important for the artist, but for all society, who through this individual experience has the opportunity to know other cultures and reflect on diverse issues.

**Keywords:** artistic residency, Christus Nóbrega, China, visual arts, cultural diversity.

## 1 INTRODUÇÃO

A arte é uma forma de expressão humana que não apenas evoca o universo particular do artista, mas também apresenta elementos culturais e sociais próprios do momento de sua produção. Diante disso, é importante refletir sobre a chamada “residência artística”: uma prática recente nas artes em geral que proporciona ao artista de uma nação (cultura) a permanência por um tempo em outra nação (e, portanto, imerso em outra cultura), que deve resultar em projetos artísticos que remetam a essa experiência.

A residência artística destaca-se no mundo atual como forma de apoio ao artista, proliferação das artes em geral e intercâmbio das várias culturas. É uma prática que tem se expandido no mundo a partir da década de 1990 e no Brasil também, inclusive com apoio governamental, através do Ministério das Relações Exteriores. É o caso do artista paraibano Christus Nóbrega, que em 2015 representou o Brasil na China pelo Programa de Residência Artística do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, na universidade chinesa *Central Academy of Fine Arts* (CAFA). A experiência resultou em várias obras e intervenções artísticas, que percorreram diversas cidades do Brasil, como Brasília, Curitiba e Belo Horizonte. Os trabalhos foram expostos em parte ou na sua totalidade, que constituem-se de: a instalação performativa *Fábrica de Pipas*, a foto-instalação *Dicionário Feminino*, a foto-instalação *89 Passos. 89 Linhas*, a foto-instalação *Empório Celestial de Conhecimentos Benévolos*, a foto-instalação *Muralha*, a foto-instalação *Passeio Controlado* e a obra intitulada *Roupa Nova do Rei*, feita com papel de arroz recortado, fixado em fotografia com alfinetes de ouro reais e falsificados. Todas foram realizadas e apresentadas entre 2015 e 2017, na China e no Brasil.

Um estudo sobre a prática da residência artística, tomando como exemplo a experiência de um brasileiro, pode proporcionar assim um maior conhecimento sobre ela, bem como sua contribuição para a produção artística enquanto inclusive interlocutora cultural. O artista torna-se uma espécie de vetor que proporciona o entrecruzamento de diferentes culturas e justifica-se

o fazer artístico como forma de elaborar questões que trata de um “local” mas atinge o “geral”. Em outras palavras, ele aborda determinados elementos culturais mas graças à uma característica própria da arte, os transcende e vai além; através de seu olhar criativo, pode impactar qualquer público quando nos mostra elementos que estão na essência da existência humana.

Vale ressaltar que essa prática – a residência artística- também reflete de certa forma o impacto da globalização em diversas áreas, já que ela torna o mundo um espaço propício e ansioso pelas mais diversas interligações e diálogos culturais. As obras artísticas produzidas por Christus Nóbrega mostram a importância dessas vivências e deixam evidente como diferentes culturas podem se integrar e, a partir das habilidades e criatividade do artista, encantar sentidos e mentes do público que tem acesso a elas. Obras que transcendem a experiência da viagem em si, do transportar-se a outros lugares, e nos levam a pensar em infinitas possibilidades e múltiplas conjugações, graças à riqueza do encontro com o outro.

Assim, através de uma pesquisa essencialmente bibliográfica, com consulta em teses e artigos acadêmicos sobre o tema, e aos sites oficiais do artista Christus Nóbrega e instituições envolvidas na sua experiência, é possível fazer um levantamento dessa natureza. O trabalho, a partir de uma breve discussão teórica sobre o tema em questão, pretende demonstrar, através dos comentários e reflexões feitas sobre os trabalhos realizados por Christus Nóbrega, a validade e relevância desse tipo de prática para a área de Artes Visuais.

Além de uma reflexão teórica sobre a residência artística e sua contribuição para a arte contemporânea, objetiva-se fazer uma apresentação de como ocorre esse processo no caso específico da viagem de Christus Nóbrega à China, além dos questionamentos e soluções encontrados pelo artista diante da experiência vivida. Finalmente, através da análise de algumas obras produzidas por ele, refletir como o diálogo cultural, típico dessa experiência, pode produzir sensações e percepções que transcendem o âmbito particular, e atingem um caráter abrangente. O desenvolvimento da proposta está dividido em três ítems: o primeiro apresenta a definição e algumas reflexões sobre a prática da residência artística, a partir de trabalhos acadêmicos de Moraes (2009) e Dalcol (2015); o seguinte volta-se para a formação e produção do artista Christus Nóbrega, com destaque para sua residência artística realizada na China; por fim, o terceiro e último ítem consiste em uma análise de três obras do conjunto produzido por ele ao fim do processo.

Espera-se assim evidenciar a pertinência dessa prática, que vale como impulsionadora de todo circuito artístico, desde sua criação até o momento da recepção. É importante um estudo sobre a residência artística para fiquem evidentes seus objetivos e modalidades, formas de

incentivo, etc. Para corroborar o exposto, um exemplo disso: a experiência de um artista brasileiro em terra estrangeira.

## 2 A RESIDÊNCIA ARTÍSTICA

A expressão **residência artística**, sob o ponto de vista técnico, pode ser entendido simplesmente como uma visita temporária de uma artista, das diversas áreas (pintura, fotografia, escultura, dança, teatro, etc.), a um país estrangeiro, que resulta em uma produção determinada. Esse tipo de experiência, como bem salienta MORAES (2009), ultrapassa uma extensão de aprendizagem. Ela implica em um encontro, não só de pessoas, mas de culturas, e ainda mais de transformações profundas do indivíduo –no caso, o artista – e consequentemente de suas produções artísticas.

Dalcol (2015, p.3200), ao fazer um estudo de caso sobre o projeto VETOR, promovido pelo Atelier Subterrânea com financiamento da Funarte, para propor residência artística no interior do Rio Grande do Sul, também destaca:

Ao oferecerem modos de produção que incentivam a criação, a circulação e o compartilhamento de propostas experimentais à margem de categorias centradas na materialidade do objeto e na individualidade do artista, as residências reavaliam definições e fronteiras das práticas artísticas ao questionar modelos de pensamento conhecimento totalizantes. E, do ponto de vista sistêmico, são fundamentais para a formação de redes e networks alternativos e para a dinamização de artistas e contextos periféricos frente ao circuito globalizado das artes, abrindo novos espaços de formação, produção, difusão e reflexão no campo da cultura centrados em processos de troca e interação.

A experiência do artista em terras estrangeiras e/ ou seu acolhimento no exterior não é uma novidade do século XXI. Como bem coloca MORAES (2009), as academias de arte, como a Academia Real de Arte de Paris, que existe desde o século XVII, e os prêmios internacionais, que também remontam ao início da modernidade, são exemplos de como o campo artístico promove já há tempos esse fluxo cultural. A residência artística, nos moldes da contemporaneidade, só corrobora essa tendência dialógica própria da experiência artística.

De acordo com os autores consultados, a década de 1960 fomentou esse tipo de experiência artística, e nos anos 1990 as residências artísticas foram ainda mais fomentadas graças às *networks*, as redes sociais que atuam nesse circuito. No contexto da globalização, a prática da residência artística apresenta-se como uma forma de interação e diálogo entre diferentes culturas.

Atualmente, os artistas são levados a compreenderem e expressarem o que acontece no mundo, marcado pelo movimento, pela transitoriedade e pela mistura entre globalismo e localismo. Essas viagens proporcionam uma experiência de diferentes realidades, graças a pesquisas e investigações feitas em contextos diversos. Assim, as residências são formas de permanência temporária em um espaço alheio, que proporcionam descoberta e renovação da consciência e realizações artísticas. Sobre isso, afirma Dalcol (2015, 3109):

A própria acepção da palavra “residência” gera uma ideia de espaço e tempo articulados para proporcionar uma condição de vida, de criação e de trabalho ao artista em um lugar em que se estabelece uma relação de acolhida e permanência, ainda que temporária. As residências ajudam a pensar o estatuto da viagem e do artista nômade com as práticas artísticas realizadas em deslocamento, com os processos de criação em trânsito, as trocas coletivas de experiências e outras formas de produção. O viajante lida com a surpresa, a imprevisibilidade e até o risco. Ao explorar e investigar os lugares por onde passa, se relaciona com a paisagem física ou com o entorno social, operando com as questões que lhe comovem e se deixando transformar ao longo do processo.

(...) Em seu nomadismo e errância, o artista viajante contemporâneo cria recompondo as especificidades próprias do lugar, seja representando ou interpretando tal “realidade”, seja pela experiência sensitiva ou vivência pessoal daquilo que o espaço lhe provoca. O artista em residência pode também realizar um trabalho baseado em uma prática social que estabelece vínculos com as pessoas e com os espaços que envolvam uma comunidade como coautora em processos colaborativos. Como formas de atuação cada vez mais participativas em um contexto no qual a mobilidade se associa à preocupação com o diálogo e as trocas, as residências e os artistas nômades ajudam a ampliar as indagações sobre experiências e processos de trocas, interação e vida coletiva, oferecendo respostas a um sintoma contemporâneo de fuga e isolamento.

Devido à relevância desse tipo de experiência, tanto instituições de caráter privado como os governos, através de políticas públicas voltadas para a área cultural, tomam iniciativas que promovem a permanência de artistas de áreas diversas em regiões geográficas variadas, fomentando essa prática da residência artística. No Brasil, vários órgãos, como a FUNARTE, e instituições acadêmicas, como a Faculdade Armando Álvares Penteado, localizada em São Paulo, são promotoras desse tipo de atividade. O governo federal, através do Ministério das Relações Exteriores e de um programa voltado para a Diplomacia Cultural, também contempla bolsistas para residências artísticas. Foi o que aconteceu com o artista paraibano Christus Nóbrega, que residiu na China durante dois meses por esse programa. O resultado geral dessa imersão cultural é assunto do próximo item; em seguida, vamos analisar e perceber com mais detalhes a validade dessa experiência em terra estrangeira.

### 3 A RESIDÊNCIA ARTÍSTICA DE CHRISTUS NÓBREGA NA CHINA

O paraibano e artista Christus Menezes da Nóbrega, ou simplesmente Christus Nóbrega, é atualmente Professor Adjunto do Departamento de Artes Visuais (VIS), do Instituto de Artes (IdA) da Universidade de Brasília (UnB). Nascido em 1976, graduou-se em Desenho Industrial pela Universidade Federal da Paraíba em 2000. Doutor e Mestre em Arte pela UnB, na linha de pesquisa Arte e Tecnologia, leciona desde 2007 na graduação e pós-graduação dessa universidade, nos cursos de Design e Artes. Publicou seis livros e vários artigos científicos na área de artes e arte/educação.

De acordo com seu currículo, disponível na Plataforma Lattes, além dos dados biográficos disponíveis em seu site oficial, nota-se que seu trabalho como artista é tão extenso como sua atividade acadêmica. Christus Nóbrega tem participado regularmente de exposições nacionais e internacionais e suas obras fazem parte de acervos e coleções privadas e institucionais, como a *Fondation Cartier* - Paris e o Museu de Arte do Rio (MAR) - Rio de Janeiro. Foi premiado pelo Programa Cultural da Petrobras (2004 e 2011) e pelo Museu da Casa Brasileira (2004) e em 2015, representou o Brasil na China pelo Programa de Residência Artística do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, na universidade chinesa *Central Academy of Fine Arts* (CAFA). Essa experiência, que resultou na exposição **Dragão Floresta Abundante**, com curadoria de Renata Azambuja e patrocínio do Banco do Brasil, deixa evidente a contribuição de uma vivência em ambiente cultural diferenciado para a produção artística.

Em entrevista dada para o jornal **Metrópoles** (08/11/2015), do Distrito Federal, o artista afirmou:

A arte, para mim, é um subterfúgio para estar em contato com outras pessoas e conhecer outros lugares. (...) Já estou lendo sobre a China, mas quero guardar um pouco de maravilhamento para quando estiver lá. Quero poder agir como um turista e poder enxergar melhor, estar aberto para os pequenos encantamentos do banal, do corriqueiro.

Nessa mesma entrevista, apontou alguns elementos comuns entre suas obras e a cultura chinesa, como as dobraduras de papel, presentes em algumas gravuras que já haviam sido produzidas por ele, que remetem diretamente aos origamis. Além disso, vale lembrar que foram os chineses que inventaram o papel e as ancestrais técnicas de impressão, material e tecnologia já explorados por esse autor em sua carreira até o momento da viagem.

A viagem de Christus Nóbrega à China foi realizada graças ao Programa de Intercâmbio e Difusão Cultural, executado pela Secretaria de Fomento e Incentivo à Cultura do Ministério

da Cultura (**BRASIL**. Plano de Ação MRE/CRBE 2011/2012. Ministério das Relações Exteriores). Através desse Programa

são realizados processos seletivos públicos para concessão de apoio financeiro para o custeio de despesas com transporte de artistas, técnicos e estudiosos da cultura brasileira convidados a participar de eventos prioritariamente culturais, no Brasil ou no Exterior, com a finalidade de: a) apresentação de trabalho próprio, b) residência artística e, c) cursos de capacitação de profissionais da cultura.

Em entrevista à curadora Renata Azambuja, em 26 de fevereiro de 2016, o próprio Christus Nóbrega esclarece como se deu esse processo (NÓBREGA e AZAMBUJA, 2017.p.39):

Em julho de 2015, fui convidado pelo Itamaraty para participar do Programa de Residência Artística do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, por indicação da curadora chinesa Tiffany Beres, que analisou diversos portfólios de artistas nacionais a pedido do governo brasileiro. O referido programa de residência tem como objetivo consolidar laços internacionais entre artistas brasileiros e agentes culturais internacionais, como também apoiar a pesquisa artística nacional. Nesse contexto, a curadora Tiffany Beres e os organizadores do programa no Itamaraty reconheceram na minha produção diálogos com a arte chinesa e, assim, uma possibilidade de aproximação entre os dois países. (...)

Depois da formalização do convite do Itamaraty até a viagem, ocorrida em 19 de outubro de 2015, dediquei-me tanto ao estudo do mandarim como à história e à cultura geral chinesa. (...)

Sobre a permanência no estrangeiro, o artista esclarece (NÓBREGA e AZAMBUJA, 2017.p.41):

A residência artística ocorreu entre outubro e dezembro de 2015, na cidade de Pequim. Estive ao longo de sessenta dias sediado no alojamento de estudantes estrangeiros e experts da Central Academy of Fine Arts – CAFA . A CAFA é a maior e mais prestigiada universidade de artes visuais da China e uma das mais importantes da Ásia. Recebe regularmente muitos estudantes de Taiwan, Hong Kong, Rússia e alguns da Europa, sendo eu o primeiro brasileiro a estudar na instituição, bem como o primeiro a participar de um programa de residência artística. O quadro de docentes da CAFA é composto por grandes nomes da arte chinesa. Em termos técnicos, a universidade conta com máquinas de última geração, de acesso livre para os alunos e professores, excelentes e amplos laboratórios e ateliês para as práticas artísticas, galerias para apresentações experimentais, lojas e livrarias especializadas. Além desses aparelhos, a instituição conta com um museu em suas dependências, um dos maiores e mais importantes museus de arte da China desenhado pelo arquiteto japonês Arata Isozaki. A CAFA possui diversos departamentos, cada um com seus respectivos cursos de graduação, mestrado e doutorado, entre eles: departamento de fotografia, gravura, pintura europeia, tradições artesanais, caligrafia e pintura tradicional chinesa, arte experimental, novas mídias, escultura, design, moda, arquitetura, entre outros. No período de residência me foi permitido transitar entre os departamentos e realizar workshops com alguns professores. Acabei me dedicando mais

demoradamente ao estudo teórico-prático da caligrafia, apesar de ter transitado em outros departamentos, como o de arte experimental e fotografia. Quanto às questões de ordem conceitual/curatorial, o programa não previa nenhum tema em particular. Assim, eu tinha total liberdade de trânsito e reflexão em minha pesquisa.

O Itamaraty não fez qualquer orientação curatorial através desse Programa de Residência, o que garantiu liberdade de ação para o artista. Segundo Christus Nóbrega: “O Itamaraty deixou-me livre para pesquisar e decidir quais questões gostaria de desenvolver” (NÓBREGA e AZAMBUJA, 2017.p.43). Assim, quem elaborou a metodologia a ser seguida foi o próprio bolsista, que dividiu seu cronograma de pesquisa em dois tempos de iguais proporções: os trinta primeiros dias, que ele chamou “ver-paisagem”, e os trinta dias seguintes, nomeados “ser-cidade”. Como turista, pode perceber espaços, edificações, pessoas, sons e outros elementos do entorno e perceber os diversos símbolos típicos daquela cultura oriental. Aproximou-se assim da cidade e da cultura estrangeiras. Afirma Nóbrega (2017, p. 43):

Cidade é paisagem praticada. Assim, no primeiro momento, contemplei. No segundo, agi. No primeiro, vi e ouvi. No segundo, fiz-me ver e ser ouvido. Enquanto estava apenas a ver-paisagem, tive a oportunidade de conhecer mais a cultura chinesa. Começar a entender um pouco seus *modi operandi*, seus sabores, seus tabus, seus medos, seu sistema de controle, suas tradições milenares, suas formas de transitar, de negociar, suas posturas políticas, sua economia, seu entendimento do que é arte e do que pode a arte. Conheci a grande Muralha da China; a física e a invisível. Aquela que bloqueia os corpos estrangeiros, a que bloqueia a informação na internet, e a que bloqueia o pensamento libertário. Sem Google, sem Facebook, sem tantos outros *apps*, fui, ao longo dos dois meses, ficando cada vez mais isolado e de certa forma mais anestesiado ao mundo e mais conectado com o espaço local.

Durante esse período de residência, o artista conheceu de perto alguns ateliês de importantes curadores e artistas chineses, como He Yunchang, Song Hongquan, Yao Lu, Wu Jian`an e Zang Yanzi e os curadores Mr. Fan (presidente da CAFA) e Mr. Wang Chunchen. Merece destaque, todavia, seu contato com uma estudante de fotografia de Taiwan, Gloria Lee, que tornou-se sua tutora pela China e o apresentou ao cotidiano da região, explicando-lhe muito dos hábitos e costumes de seu povo. O fato de Gloria Lee ser formada em Letras/Chinês proporcionou certa proximidade entre os artistas, a ponto de ser capaz de escolher e presentear Christus Nóbrega, em seu aniversário, com um nome em chinês 龍沛森 (pronuncia-se Lóng pèi sēn). Ele relata (NÓBREGA e AZAMBUJA, 2017.p.43):

O primeiro logograma significa dragão, o segundo, abundante e o terceiro, floresta. Em uma tradução livre significa ‘aquele que faz coisas bem-aventuradas e grandiosas’. Gloria Lee ajudou-me intensamente na produção de algumas obras que desenvolvi na China. Na verdade, precisei do

auxílio de outros artistas e muitos estudantes para a realização de alguns projetos. (...)

A importância desse presente é evidente: ele deu o título à exposição do brasileiro após essa experiência em território estrangeiro e expressa o encontro não só de indivíduos, mas de culturas tão distintas.

Importante ressaltar que a viagem de Christus Nóbrega resultou em 07 projetos que, apesar de terem objetivos distintos, integram a exposição denominada **Dragão Floresta Abundante**. A seguir, são apresentados cada um desses projetos. Os títulos seguem a formatação utilizada no site oficial do artista, de onde também foram tiradas estas fotos:

- **Dicionário Feminino** | *Feminine Dictionary* (2015-2017). Foto-instalação; pigmento mineral sobre papel de caligrafia. (Dimensões variadas): foto-instalação em que ele apresenta uma coletânea de palavras formadas pela palavra mulher, como esposa (mulher + vassoura), demônio (mulher + jovem), discórdia (mulher + mulher), estupro (mulher + mulher + mulher) ou ciúme (mulher + doença).

**Figura 1** - Dicionário feminino



Fonte: <https://www.christusnobrega.com/dionario-feminino>

-**Fábrica de Pipas** | *Kite Factory* (2015-2017). Performance; relógio de ponto, cadastro da impressão digital, contrato de trabalho, fabricação de pipas, pipa de ouro (3 meses de duração): uma instalação performativa na qual o público foi convidado a se tornar empregado, cadastrando sua impressão digital. Como empregados, deviam usar o uniforme e obedecer às regras expressas no contrato de trabalho. A cada 11 pipas produzidas pelo “visitante/empregado”, recebia 1 pipa como forma de pagamento. A cada 1000 pipas

executadas o “funcionário” levava como pagamento a pipa de ouro: uma obra do artista avaliada em 200 mil reais.

**Figura 2** - Fábrica de pipa

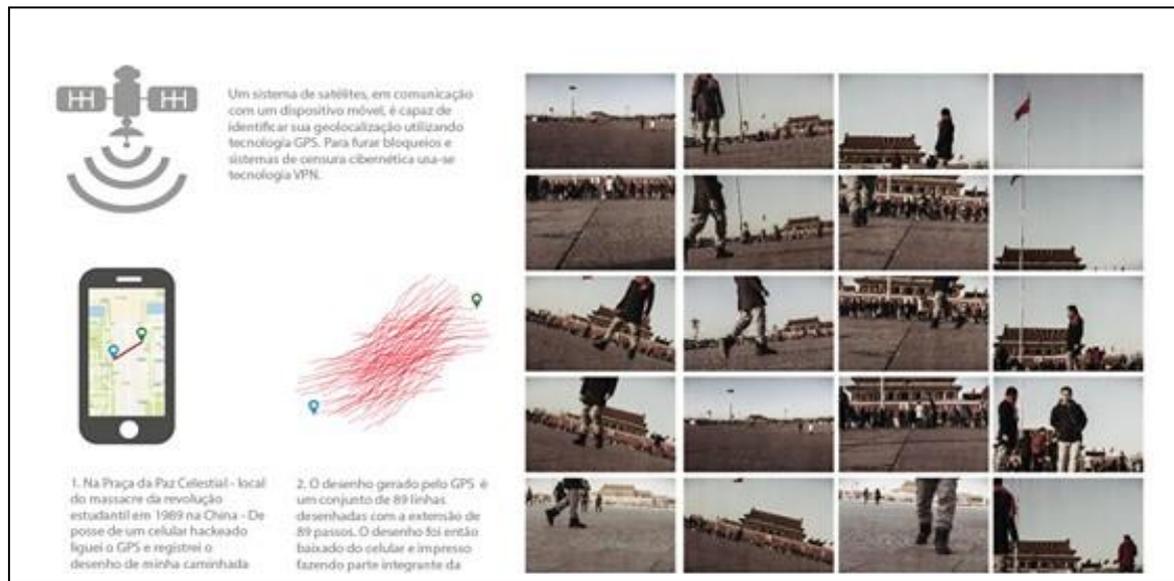


Fonte: <https://www.christusnobrega.com/fabrica-de-pipas>

- **89 Passos. 89 Linhas | 89 Steps. 89 Lines.** (2015-2017) Foto-instalação; pigmento mineral sobre papel de algodão e tubos de aço (Dimensões Variadas): em 1989, ocorreram manifestações lideradas por estudantes chineses na Praça da Paz Celestial. A revolta ficou famosa devido à ação de um jovem solitário e desarmado que invadiu a Praça e fez parar uma fileira de tanques de guerra. O fotógrafo Jeff Widener registrou o momento e a imagem ganhou os principais jornais do mundo.

Christus Nóbrega esteve no mesmo lugar do incidente e, com o GPS do celular ativado, registrou sua caminhada no lugar. Dando exatos 89 passos, desenhou cada uma das 89 linhas retas que constitui o desenho final impresso na obra artística.

Figura 3 - 89 passos. 89 linhas



Fonte: <https://www.christusnobrega.com/89-passos-89-linhas>

- **Empório Celestial de Conhecimentos Benévolos / *Celestial Emporium of Benevolent Knowledge*** (2015-2017): O título da obra faz referência à homônima enciclopédia chinesa descrita por Jorge Luis Borges em seu conto O idioma analítico de John Wilkins. Ao chegar na China, Christus Nóbrega tentou encontrar a tal enciclopédia nas bibliotecas do país. Como não dominava a língua, pediu ajuda a desconhecidos para realizar a tarefa. A ação, registrada por fotos, juntamente com os objetos coletados nesses trajetos, compõe essa foto-instalação, que também solicita ao público percorrer e vasculhar os objetos ali disponíveis, a exemplo da busca feita pelo artista.

**Figura 4** - Empório Celestial de Conhecimentos Benévolos



Fonte: <https://www.christusnobrega.com/emporio-celestial>

**Muralha** | *Great Wall* (2015). Foto-instalação; impressão sobre caixas de papelão: Essa obra faz referência à Grande Muralha da China, uma fortificação construída no século VII a.C., ao norte da China, para protegê-la das invasões de vários grupos nômades. Além de defesa bélica, a Grande Muralha tinha como objetivo o controle de fronteira, a fim de limitar as mercadorias transportadas ao longo da Rota da Seda, através da regulação ou o encorajamento do comércio e do controle da imigração e da emigração. Segundo o autor da instalação, atualmente a globalização econômica e o grande fluxo de mercadorias, produzidas principalmente na China, colocam os indivíduos de todo o planeta em confronto com novos muros. A obra Muralha apresenta uma série de autorretratos impressos sobre caixas de papelão. Nas fotos, feitas na China, Christus Nóbrega está usando uma bota vermelha comprada no Brasil, mas produzida no maior país da Ásia Oriental. A peça, inclusive, aparece em outros projetos, ficando em exposição na obra Empório Celestial de Conhecimentos Benévolos.

**Figura 5 – Muralha**



Fonte: <https://www.christusnobrega.com/muralha>

**Passeio Controlado | Guided Tour** (2015-2017). Foto-instalação; impressão sobre pipas (Dimensões variadas): O artista explora essa invenção chinesa, que esteve presente em vários episódios da história e da cultura do país. Em seu site oficial, ao comentar sobre a obra, lembra que ela já foi usada como dispositivo militar, em 1.200 a.C: eram utilizadas para lançar cargas com pólvora nas fortificações inimigas e como sinalizadoras (graças aos seus movimentos e cores) entre acampamentos militares. E, no século XX, o polêmico escritor chinês Lu Xun produziu um conto, intitulado A Pipa (1925) em que o artefato aparece para criar as metáforas da china contemporânea.

**Figura 6 - Passeio controlado**



Fonte: <https://www.christusnobrega.com/passeio-controlado>

**A Roupas Nova do Rei | The Emperor's New Clothes (2015-2017).** Papel de arroz recortado, fixado em fotografia com alfinetes de ouro reais e falsificados. 100x200cm. Em seu site, Nóbrega afirma:

A série baseia-se no conto homônimo dinamarquês de Hans Christian Andersen publicado em 1837. Nas obras o autorretrato do artista é recoberto por mantos feitos com a milenar técnica chinesa de recorte de papel de arroz fixada sobre as fotografias com alfinetes de ouro e falsificados.

**Figura 7 - A roupa nova do rei**



Fonte: <https://www.christusnobrega.com/roupa-nova-do-rei>

No próximo item, serão feitas observações e reflexões sobre alguns desses trabalhos executados pelo artista resultantes da sua residência na China. Dessa forma, poderemos constatar como o artista conseguiu promover um diálogo entre culturas tão distintas, combinando elementos que remetem ao interior da Paraíba e da cultura chinesa. E elucidar os conceitos criados pelo próprio artista e criados anteriormente: “ver-paisagem” e “ser-cidade”.

#### **4 OBRAS DE UM ARTISTA VIAJANTE: CHRISTUS NÓBREGA E A CHINA**

Christus Nóbrega, na conversa que teve com curadora Renata Azambuja, assim se refere a alguns dos aspectos de sua experiência na China (NÓBREGA e AZAMBUJA, 2017.p.39):

Um dos aspectos técnicos dessa aproximação foi o uso de papéis recortados, já que a China tem no *paper-cutting* um patrimônio cultural secular utilizado tanto por artesãos como por artistas. Porém, diferentemente de como é feito na China, utilizo como suporte a fotografia, enquanto os chineses, o papel vermelho.

(...) Ao estudar os logogramas (caracteres chineses), fui introduzido às tradições dessa nação. A pesquisa sobre a escrita do mandarim acompanhou-me durante todo o processo de residência, influenciando alguns dos trabalhos desenvolvidos nesse período. Entendo que a linguagem é o substrato da cultura, já que, além de dar forma à percepção que se tem da realidade, cria a própria realidade.

Assim, o papel recortado, a linguagem e a cor vermelha, são alguns elementos que se sobressaem em algumas obras desse artista, e que podem ser consideradas emblemáticas dessa experiência do “artista viajante”, segundo expressão da curadora Renata Azambuja.

O papel recortado, técnica já utilizada por Christus Nóbrega em trabalhos anteriores à sua residência na China (Ludiões, 2009; Transfúgio, 2011; Anexos, 2013; e Algozes, 2014), aparece também no trabalho **A Roupas Nova do Rei** (NÓBREGA e AZAMBUJA, 2017.p.29):

Nesta série de imagens, intitulada a partir do conto de fadas de Hans Christian Andersen, publicado em 1837, o corpo nu do artista é recoberto pelo papel recortado, que o deixa parcialmente à mostra. Como no conto do escritor dinamarquês, há aqui uma performance acontecendo em público, tendo o espectador como testemunha. O artista, desnudado frente ao olhar de quem vê, não tem seu rosto identificado, mas se insinua sob as lacunas do desenho filigranado, recortado à moda da tradição chinesa e fincado por alfinetes de ouro. O que ele esconde? O que ele mostra? E o que ele anuncia?

A técnica de recortar papel, para os chineses, é uma arte milenar. Faz parte da cultura popular do país e Nóbrega, já conhecedor dos efeitos dessa prática, apropria-se de recursos técnicos da Universidade e reinterpreta um conto do século XIX, apenas de forma visual. A obra é, portanto, o encontro de tempos e culturas diversos: um autor do século XIX revisto por um artista visual do século XXI; uma produção literária da Dinamarca torna-se referência para uma composição visual de um brasileiro em território chinês. Também vale ressaltar que o papel recortado remete às rendas produzidas pelas mulheres rendeiras, protagonistas da cultura popular do estado brasileiro da Paraíba. E o vermelho, cor auspiciosa para os chineses, que prenuncia a boa-sorte, o desejo de bem-estar e longevidade, também é a cor derivada do pau-brasil, árvore ligada à origem do nosso país. Sobre isso, reflete Christus Nóbrega (2017,p.45):

Atentei também que a cor vermelha está na base dos dois países. Na China é a cor da bandeira, cor de sorte, cor dos vestidos de noivas, cor da cidade proibida, cor de repressão, cor da ditadura, cor de sangue. No Brasil, tão importante como o verde e amarelo é o vermelho. Vermelho é a cor do sangue da árvore que dá nome à nação. Pau-brasil dava a tinta vermelha. Esse era o grande deslumbre dos europeus com nossa terra, já que o vermelho era a cor mais cara e nobre naquele período. Já que o vermelho está no nome de nossa pátria, por essa lógica, não sei por que nossa bandeira não é vermelha tal qual a da China.

A obra **Dicionário Feminino**, que tem como temática as concepções de gênero, desenvolvida através de fotografias (de mulheres chinesas tiradas no interior de uma loja de móveis e objetos de decoração europeia da cidade de Pequim), e logogramas e suas traduções para idiomas variados, mostra como a linguagem parte da concretude, e pode ser compreendida como um “sistema socialmente compartilhado e ilusório” (NÓBREGA e AZAMBUJA, 2017.p.45). Nessa ação, Nóbrega atreve-se, como ocidental, a fazer uma leitura e refletir sobre certas construções simbólicas típicas de uma sociedade patriarcal; porém, apesar da distância geográfica e cultural, também nos leva a pensar sobre as relações e simbologias locais, brasileiras, que refletem os valores e sentimentos que são a base de nossas ações sociais. Através de um artista brasileiro que explora símbolos do estrangeiro, somos convidados a estender essa reflexão à nossa realidade e às diversas formas pelas quais, assim como os chineses e sua linguagem pictográfica, expressamos e perpetuamos nossas crenças.

Por fim, vale comentar sobre a obra **Muralha**, uma parede constituída de caixas de papelão amontoadas: de um lado, vemos fotos do artista percorrendo o monumento que dá nome a instalação; do outro lado, estão impressas em vermelho as frases: **made in china** e **art don't touch**. Assim como a **Muralha** divide o espaço geográfico e separa o país do estrangeiro, na exposição a instalação é colocada de tal forma que interrompe o tráfego do público, que se sente aturdido, pode ser pego desprevenido, sem saber como se conduzir diante dessa barreira que se interpõem em seu caminho. Barreiras reais e visíveis, além das metafóricas e invisíveis, que existem lá e cá, de formas diferentes, acompanhando a diversidade cultural. Como ocorre com **Dicionário Feminino**, somos convidados a pensar para além do cultural, sobre questões que afetam a dignidade da existência de qualquer indivíduo, seja ocidental ou oriental, no que diz respeito ao seu ir-e-vir, seu direito de locomoção, de expressão, de ser livre.

Em seu relato sobre essa viagem à China, Christus Nóbrega ressalta que um dos dilemas principais que viveu no oriente, e que muito se reflete nas obras aqui comentadas, refere-se ao confronto que chamou de **estética da inovação ocidental** com a **estética da manutenção oriental**. Explica o artista (2017, p.46-7):

Por *estética da inovação* entendo o prazer na inquietação advinda do desejo pela descoberta, do estado de insatisfação com o momento atual, do impulso do consumo, seja de produtos, ideias ou formas. Vindo de um país capitalista, com uma história de miscigenação, aprendi que é “natural” inventar e misturar. Já por *estética da manutenção* refiro-me ao desejo do indivíduo em perpetuar a tradição e sentir prazer em ser parte de um todo e deixar-se perpassar por um fluxo social e cultural ancestral maior que ele.

Enquanto na *estética da inovação* valoriza-se mais as subjetividades, acessando-se a história social por meio das experiências individuais, na *estética da manutenção* o todo não é igual à soma dos indivíduos. Assim, a arte em uma cultura da inovação parte da premissa de questionar o *status quo*. Contrariamente, em culturas da manutenção, a arte reforça sua manutenção. Agindo como um ocidental, que produz a partir da *estética da inovação*, meu olhar foi “naturalmente” tendencioso a procurar por pontos nevrálgicos na tradição para então perturbá-los. Em particular me chamou atenção: (1) o papel da mulher na sociedade chinesa (temática do feminino que já explorei em outros trabalhos, a exemplo do projeto *Expedição Per Capita*, no qual trabalhei com as mulheres do interior do Nordeste brasileiro e do projeto *Labirinto*); (2) a ditadura e os sistemas de controle da “grande muralha”. Porém, questões da tradição, como a caligrafia, o *paper-cutting* e as pipas também me fizeram pensar em alguns projetos.

O dilema vivido por ele pode então, de forma resumida, ser percebido nesses elementos que se destacam nas obras comentadas acima: a temática do feminino, em **Dicionário Feminino**; a ditadura e os sistemas de controles, em **Muralha**; e a técnica do *paper-cutting*, em **A Roupas Nova do Rei**. Dilema extremamente construtivo, já que a partir dele trava-se um diálogo que resulta em obras que podem resultar em inúmeras sensações e leituras.

A experiência do artista Christus Nóbrega transcende sua experiência individual quando a expressa em obras artísticas que tem o poder de levar os visitantes e quem as admira a partilhar de suas descobertas, indagações e reflexões. Ter contato com seus registros fotográficos, construções linguísticas e visuais, recortes em papel e caixas empilhadas, propicia uma forma metafórica de percorrer muralhas, enxergar rendas, repensar histórias, refletir sobre relações de gênero e perceber o que de melhor a arte pode nos proporcionar: através do belo e da criatividade, nos remeter à nossa mais profunda humanidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A globalização é um fenômeno que atingiu de forma significativa a área artística, através de práticas como a residência artística: um intercâmbio cultural que proporciona ao artista uma vivência profissional em cultura diferente da sua. Esse trabalho discorreu sobre essa prática, sua importância para as artes em geral, e fez uma apresentação e análise da experiência de um artista brasileiro em terra estrangeira. No caso, do paraibano Christus Nóbrega na China, durante o ano de 2015.

O texto apresenta as expectativas do brasileiro, assim como alguns de seus preparativos, em relação à viagem; também as atividades que desenvolveu no território chinês, as relações profissionais que travou e os questionamentos e reflexões que levantou a partir do contato com

essa cultura oriental. As obras produzidas por ele, como resultado dessa residência artística, foram descritas de forma breve e ilustradas por imagens fotográficas.

Por fim, foi feita uma análise de algumas dessas obras: **A Roupa Nova do Rei, Dicionário feminino e Muralha**. Notou-se o que o artista chama de “confronto da *estética da inovação ocidental* com a *estética da manutenção oriental*”: materiais e temas divergentes que se misturam e resultam em questões que transcendem o local e remetem ao universal, à humanidade que reside em cada indivíduo. Através de materiais típicos da cultura brasileira, como a renda do Nordeste, e chinesa, como os papeis recortados, compôs imagens que remetem a temas e abordagens atuais, como questões de gênero e o autoritarismo.

A residência artística de Christian Nóbrega na China deixou evidente a função do artista em um mundo globalizado: ainda que tenha uma origem, e veja o mundo a partir dela, seu olhar pode ser ampliado, assim como sua leitura de mundo, a partir de uma experiência com “o outro”, no estrangeiro. O que sua obra nos proporciona é, além de beleza e experiências sensíveis, um convite para as infinitas descobertas que só a arte pode nos proporcionar.

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, André; VASCONCELLOS, Ana (org.). **Mapeamento de residências artísticas no Brasil**. Rio de Janeiro: Funarte, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRASIL. **Plano de Ação MRE/CRBE 2011/2012**. Ministério das Relações Exteriores. Disponível em <http://brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/associativismo-e-politicas-para-as-comunidades/ata-consolidada-de-demandas-e-prestacao-de-contas/ata-consolidada-de-demandas-e-prestacao-de-contas/prestacao-de-contas-no-51.pdf>. Acesso em: 04 de out. de 2019)

CANCLINI, Néstor García. **A sociedade sem relato: antropologia e estética da iminência**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DALCOL, Francisco. **Residência artística e modo de atuação em redes: a viagem como estratégia investigativa**. In: 24 encontro da ANPAP. Santa Maria, RS, 2015.

HORA, Daniel. Residências artísticas: as múltiplas direções dos trânsitos contemporâneos. **Caderno Videobrasil**. São Paulo: Associação Cultural Videobrasil, vol. 2, n. 2, 2006, p. 54-77.

MORAES, Marcos José Santos. **Residência artística: ambientes de formação, criação . e difusão.** 2009.134p. Tese. (Doutorado em Projeto, Espaço e Cultura). FAUUSP, São Paulo, 2009.

NÓBREGA, C. **Currículo Lattes.** Disponível em <http://lattes.cnpq.br/1158798915256133>. Acesso em: 04 de out.de 2019.

NÓBREGA, Christus. **Site oficial** .Disponível em <https://www.christusnobrega.com/>. Acesso em: 04 de out. de 2019)

NÓBREGA, Christus; AZAMBUJA, Renata **Dragão Floresta Abundante: a aventura de Christus Nóbrega na China.** Brasília, Mira Produção e Arte, 2017. 128 p.

SCARTEZINI, Bernardo. Christus Nóbrega participa de intercâmbio na China. **Jornal Metrôpoles.** Brasília, 08 de set. de 2015. Disponível em <https://www.metropoles.com/entretenimento/exposicao/o-homem-que-estuda-mandarim>. Acesso em: 04 de out. de 2019.